

Europac investiu 6,5 milhões em sustentabilidade no último ano

O grupo Europac afirma ter investido 20 milhões de euros em sustentabilidade nos últimos quatro anos, dos quais 6,5 milhões só no ano passado. O desenvolvimento de Programas de Melhoria Ambiental e a melhoria na gestão ambiental permitiram reduzir as emissões gasosas em 78% durante a última década, enquanto o consumo de eletricidade baixou 48% no mesmo período, sendo que 2016 foi um ano recorde, tendo a Europac atingido o valor mais baixo de sempre no consumo de eletricidade nas suas instalações.

Lucros da Reditus caem mais de 44%

A Reditus obteve um resultado líquido de 109 mil euros, no primeiro trimestre, o que se traduziu numa quebra de 44,5%, face a igual período do ano passado. O EBITDA cifrou-se em 1,3 milhões de euros, o que compara com os dois milhões, em termos homólogos, refere a empresa em comunicado à CMVM. As vendas internacionais representaram 37% do total, num acréscimo de cinco pontos percentuais. Os proveitos operacionais baixaram em dois milhões de euros, para cerca de 10,2 milhões de euros.

A NOSSA ANÁLISE

Novo Banco com produto do mercado acionista europeu e dos EUA

VÍTOR NORINHA
agenda@vidaeconomica.pt

Caso acredite que os mercados acionistas europeus e norte-americanos vão crescer em conjunto nos próximos dois anos, então o Novo Banco tem o produto ideal para obter uma remuneração bruta anual acima de 1,7%. Vamos explicar o produto.

O “Eur NB Dual Desempenho Europeu 2017-2019” é um produto financeiro complexo que tem a particularidade de potenciar um ganho bastante acima do investimento financeiro convencional, mas que pode gerar algo próximo de zero se não forem cumpridas as performances esperadas. Tem ainda a particularidade de ter garantia de capital. Trata-se de um depósito dual, ou seja, é composto por um depósito inicial que permite a mobilização antecipada até 30 de junho e que depois se transforma num depó-



sito indexado pelo prazo de dois anos e sobre o qual não é possível a mobilização antecipada.

O depósito que é possível subscrever até final do mês obriga a um contrato mínimo de 500 euros e permite uma remuneração de 1,714% TANB, se cumpridas determinadas condições de performance dos ativos subjacentes, ou se não forem conseguidos os objetivos iniciados haverá lugar à

devolução integral do montante investido, que tem a garantia do emitente e ainda o respaldo do Fundo de Garantia de Depósitos até 100 mil euros por depositante, e acrescido de uma pequena remuneração equivalente a 0,049% TANB.

Uma das características interessantes deste produto, que obriga os investidores a terem alguns conhecimentos das práticas dos

mercados financeiros, nomeadamente quanto aos riscos associados, é o facto de este produto estar indexado à evolução de dois importantes índices mundiais, um na Europa e outro nos EUA.

Risco de liquidez e de mercado

Para o investidor obter o melhor resultado terá o primeiro ativo subjacente, o índice europeu Euro Stoxx 50, de gerar uma rentabilidade igual ou superior a zero, mas também terá aquele índice europeu de gerar uma rentabilidade igual ou superior à do índice americano S&P 500 no mesmo período, ou seja, entre 5 de julho de 2017 e 2019. Caso contrário, a remuneração será insignificante.

Nesta operação existe o risco de liquidez que já vimos, mas também o risco de mercado, pois a variação dos índices pode ser in-

fluenciada pela volatilidade das taxas de juros, e ainda por fatores de natureza macro e microeconómica e que poderão afetar a respetiva cotação. Existe ainda o risco de crédito da instituição depositária e o risco fiscal de alteração das regras que poderão afetar os investidores. Recorde-se que, na análise histórica feita pelo NB, a probabilidade do investimento ter a remuneração mais elevada é de 11,5%. Os índices que são os ativos subjacente estão numa curva ascendente desde o início de 2016 no caso do S&P 500 e desde meados de 2016 do índice europeu. Este último índice acionista incorpora as 50 ações europeias de países pertencentes à Zona Euro e inclui apenas as “blue-chips”. O índice americano representa as principais indústrias do país, tendo sido desenvolvido no início dos anos 40 do século passado.

Eurofactor Portugal mais que duplica créditos tomados em dez anos

A Eurofactor Portugal evoluiu de um total de 800 milhões de euros de créditos tomados, em 2007, para mais de 1883 milhões de euros, em 2016, um crescimento superior a 100%. Deste total, o factoring de exportação representou 69,3% dos créditos tomados no ano passado, o equivalente a uma quota de mercado próxima dos 50%.

A empresa do grupo Crédit Agricole Leasing & Factoring, que assinala em 2017 o 25º aniversário em Portugal, encerrou o ano passado com um crescimento de 12,9% dos seus resultados líquidos, que ascenderam a 5,232 milhões de euros, com uma rentabilidade dos capitais próprios (ROE) próxima dos 16%. A indústria transformadora foi o setor de atividade com maior peso no volume de negócios, representando 78,5% da faturação total,

seguido do comércio por grosso e retalho, com 11,9%. A Eurofactor Portugal destaca, ainda, a realização de operações de factoring de exportação em mercados menos tradicionais, como Marrocos, EUA, Polónia, República Checa e Chile.

“O ano passado, apesar de alguma instabilidade política e económica a nível nacional, conseguimos melhorar a maioria dos nossos indicadores de atividade, o que é motivo de orgulho e representa uma responsabilidade acrescida para este ano. Por outro lado, verificamos, com grande entusiasmo, que as empresas portuguesas continuam o seu esforço de internacionalização e que estão a conseguir colocar os seus produtos e serviços em mercados menos tradicionais, como Marrocos e Polónia”, explica Rui Esteves, diretor-geral da Eurofactor Portugal.

ESMA lança consulta pública sobre fundos do mercado monetário

A Autoridade Europeia dos Valores Mobiliários e dos Mercados (ESMA), da qual a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) é membro, submeteu a consulta pública propostas relativas ao projeto de parecer técnico,

normas técnicas de execução e guidelines no âmbito do Regulamento relativo aos fundos do mercado monetário. A consulta decorre até ao próximo dia 7 de agosto e os comentários podem ser submetidos no site da ESMA.

BNI Europa e RAIZE investem em PME portuguesas

O banco BNI Europa e a bolsa de empréstimos nacional RAIZE celebraram acordo de investimento em PME portuguesas. Trata-se, segundo as duas empresas, “a primeira grande colaboração em Portugal entre um banco e uma fintech portuguesa para o financiamento da economia”.

No segundo trimestre de 2017, o BNI Europa começou a investir através da bolsa de empréstimos RAIZE juntamente com os restantes investidores. Para os próximos dois anos, está estimado um investimento total de dez milhões de euros em financiamento direto para as micro e pequenas empresas.

“Estamos muito empenhados em investir na economia portuguesa, nomeadamente no segmento das PME. A parceria com a Raize é apenas uma das várias iniciativas mais inovadoras que estamos a desenvolver de momento, tudo com vista a reforçar a nossa presença no mercado português”, indica o presidente-executivo do banco, Pedro Pinto Coelho.

“O BNI Europa é um banco com uma arquitetura aberta e tem como objetivo estabelecer parcerias deste tipo quer em

Portugal quer a nível internacional.

“Acreditamos que a Raize é uma plataforma com um track record que nos permite agora avançar para o mercado português das PME”, acrescenta.

O modelo de parceria entre bancos e fintechs já é, de acordo com as duas entidades, “adotado por várias instituições a nível internacional”. As empresas dão como exemplo o JP Morgan Chase e a

OnDeck nos Estados Unidos ou o ING e a Kabbage em Espanha. “Conseguem deste modo reforçar o respetivo investimento direto na economia e com custos mais reduzidos”, refere a nota conjunta.

“Numa altura em que se discute o futuro modelo da banca em Portugal, esta parceria vem

reforçar a tese de cooperação entre as chamadas fintech e os agentes mais tradicionais de mercado, como os bancos”, indica José Maria Rego, responsável pela RAIZE.

“Estimamos que daqui a 10 anos, em Portugal, cerca de 25% das PME se financiem junto de investidores. No Reino Unido, por exemplo, os empréstimos através de bolsas de empréstimos a PME já representavam 14% dos novos empréstimos em 2015”, acrescenta.

Estamos muito empenhados em investir na economia portuguesa, nomeadamente no segmento das PME